

A importância das revistas *O Tico-Tico* e *Recreio* para a história da literatura infantil e a formação de novos dos leitores.¹

Lígia Regina Máximo Cavalari Menna
UNIP

Resumo: Este trabalho tem por principal objetivo destacar a importância das revistas *O Tico-Tico* e *Recreio*, em distintos contextos, para o florescimento e solidificação da Literatura Infantil brasileira e a formação de novos leitores, sinalizando a primeira publicação, já no início do século XX, o interesse de uma nova massa urbana por bens comuns à industrial cultural.

Periódicos, como jornais, revistas e almanaques, principalmente na segunda metade do século XIX e primeiras décadas do século XX, destacaram-se como efetivos divulgadores de literatura. Na literatura infantil, podemos ainda considerar os anos de 1970 como uma nova fase bastante produtiva para os periódicos. Tal constatação torna imprescindível o estudo desses materiais para uma visão crítica e reflexiva a respeito da história da Literatura Brasileira.

Palavras-chave: Literatura infantil. Literatura brasileira. Revista *O Tico-Tico*. Revista *Recreio*.

Abstract: *This paper has the main purpose to emphasize the importance of Tico-Tico and Recreio magazines, in different contexts, for the flowering and solidification of Brazilian Children's literature and the formation of new readers, showing, in the twentieth century beginning, the interest of a new urban mass for common goods of industrial cultural. Periodicals, such as newspapers, magazines and almanacs, especially in the second half of the nineteenth century and first decades of the twentieth century, stood out as effective promoters of literature. In children's literature, it's also possible to stand out a new blossoming of the 1970s. Such observation makes the study of these materials indispensable for a critical and reflective view of the history of Brazilian literature.*

Key-words: *Children's literature. Brazilian Literature. O Tico-Tico magazine. Recreio magazine.*

A partir da liberação tardia da imprensa no Brasil no século XIX, diversos escritores encontraram nos jornais não só uma forma de sobrevivência, mas também um meio eficaz para divulgarem sua arte, suas produções literárias e suas ideias. Assim, até meados do século XX, em um tímido mercado editorial, os jornais e revistas assumiram-se como os mais efetivos divulgadores da literatura.

¹ Este artigo foi adaptado de MENNA, Lígia R. M Cavalari. *A importância dos jornais e revistas para a formação de leitores e para a gênese e florescimento da literatura infantil*. Anais do XII Congresso Internacional ABRALIC. Universidade Federal do Paraná. Curitiba-PR, 2011.

Podemos citar o exemplo de Monteiro Lobato que, na década de 1920, aconselhava o amigo Godofredo Rangel que fizesse como ele, publicasse suas obras primeiramente em jornais e revistas, para depois lançá-las em livros. Havia dois motivos: para que sua obra se tornasse conhecida e para que pudesse avaliar o gosto dos leitores, conforme observamos em carta de Lobato a Gurgel, em 2 de Fevereiro de 1923:

Está me voltando a mania e creio que dou mais dois livros este ano. Como sempre, parto gêmeo. Um, de ideias e impressões extraídas daquele meu velho Diário de solteiro, com leves apuros da forma e da filosofia. Outro de contos-contos novos. Não dispenso teu juízo preliminar, à moda de sempre. Ponho-os na Revista e depois dou-os em livro- o bom sistema. (LOBATO, 201.P.482)

A Revista citada por Lobato é a *Revista do Brasil*, da qual foi colaborador, editor e proprietário no início de sua carreira. Poderíamos citar ainda outros grandes escritores como Machado de Assis, Olavo Bilac, Coelho Neto, Carlos Drummond de Andrade e Graciliano Ramos, entre vários, que tiveram uma relação contínua com a imprensa.

Constatamos que há vários estudos voltados para as relações, entre a imprensa e a literatura, seus gêneros, seus produtores e receptores, adultos por excelência.

Como exemplo, citamos o livro *Imprensa, História e Literatura*, organizado por Isabel Lustosa (LUSTOSA, 2008), com análises diversas, inclusive da professora Marisa Lajolo, da Unicamp. Há também o livro *Pena de Aluguel*, de Cristiane Henriques Costa (COSTA, 2005) - doutora em Cultura e Comunicação pela UFRJ- obra que nos apresenta um amplo panorama da produção literária e jornalística no Brasil, durante o período de 1904 a 2004.

Contudo, quando o assunto são as produções destinadas ao público infantil, pouco foi discutido, havendo uma imensa lacuna a ser preenchida. Em nossa tese de doutorado, intitulada *A literatura infantil além do livro: contribuições do jornal português O senhor doutor e da revista brasileira O Tico-Tico*, realizamos um estudo sobre as produções literárias veiculadas para crianças em jornais e revistas nas primeiras décadas do século XX, período da gênese e florescimento da Literatura Infantil, por considerarmos tal estudo necessário e justificável.

Apesar de estabelecermos, em nossa tese, um estudo comparado entre as produções para crianças no Brasil e em Portugal, neste artigo, daremos ênfase somente às mídias impressas brasileiras a partir do final do século XIX.

Um dos precursores dos estudos sobre as produções de periódicos para crianças foi Leonardo Arroyo, que, em seu livro *Literatura infantil brasileira*, dedica um capítulo significativo, intitulado “*A imprensa escolar e infantil*”. Já na introdução, o autor enfatiza a importância da imprensa para formação e desenvolvimento da literatura infantil brasileira:

Os jornais infantis marcaram bem determinado período da literatura infantil brasileira. Para a formação das coordenadas da literatura infantil brasileira, a criação de um campo propício à sua evolução- sem nunca esquecer aqui a importância fundamental do desenvolvimento da educação e do ensino- para a sua base, se assim nos podemos exprimir, foi a imprensa para crianças e jovens, imprensa não só na forma de jornal, como na forma de revistas (ARROYO, 1990, P.131)

É notável a importância basilar dos jornais e revistas para a formação dos leitores e para a gênese e florescimento da literatura infantil. A existência dos pequenos jornais escolares, de no máximo quatro páginas, ainda colaborou para as primeiras tentativas literárias de muitos escritores, como Monteiro Lobato, por exemplo, que escrevia em 1896 no jornal *O Guarani* (Rizzini² apud ARROYO, 1990, P. 136).

Vale observar que, se o livro tornou-se o suporte ideal para a educação formal, os jornais e revistas assumiram um papel mais informal e por vezes lúdico, sem deixar, no entanto, de se integrar às concepções de infância e educação vigentes.

Cronologicamente, segundo Arroyo, o primeiro registro de jornal para crianças no Brasil data de 1811, na Bahia, com o jornal *O adolescente*. Contudo, o autor não teve acesso ao material e inferiu seu público-alvo pelo título.

Vale destacar que um dos maiores obstáculos para os pesquisadores de periódicos no Brasil, principalmente com referência ao século XIX, é a escassez de materiais de consulta. Vários dos jornais citados por Arroyo não podem ser mais localizados e outros se encontram em péssimas condições, conforme pudemos verificar em nossas pesquisas.

Quanto aos jornais para adultos, muitos já estão salvos em microfilmes ou mesmo digitalizados, podendo ser encontrados, por exemplo, na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro³ ou no Arquivo Público do Estado de São Paulo⁴. Os jornais e revistas destinados ao público infantil não tiveram a mesma atenção.

Arroyo ainda cita *O Recompilador ou Livraria dos Meninos (Salvador, 1837)*, *O Mentor da Infância (Salvador, 1846)*, *O Juvenil (Rio de Janeiro, 1835)*, *A Saudade (Pernambuco, 1850)* e *vários jornais da cidade de São Paulo, como Kaleidoscópio (1860)*, *Ensaio Juvenil (1864)*, *Imprensa Juvenil (1870)*, *O Adolescente (1887)*, além de muitos outros do interior do Estado de São Paulo, como, por exemplo, *O Colegial (Piracicaba, 1880)* e o *Escolar (Santos, 1884)*.

Na sequência, o autor menciona as diferentes produções para crianças nos vários estados brasileiros, reforçando, com uma extensa lista de publicações, a relevância dos estudos desses periódicos, porém aponta, já nos idos de 1967, primeira edição de sua obra, que havia a impossibilidade de um levantamento rigoroso de todas as publicações para as crianças, uma vez que vários jornais já não mais existiam naquela época.

Vale destacar que muitos desses jornais eram editados nas escolas, primárias e secundárias, com produções dos próprios alunos, leitores e aprendizes de escritor.

Todavia, segundo Arroyo, a preocupação com a imprensa escolar e infantil era grande na segunda metade do século XIX e não se atinha apenas às escolas e aos colégios:

O jornal preenchia, sem dúvida, o lugar do livro, então mais difícil e que pouca atenção ainda merecia dos livreiros e editores brasileiros. É possível, também, que os jornais ficassem mais baratos e atendessem melhor ao complexo criador dos meninos, já ensaiando diversificada reação à literatura infantil que nos vinha de Portugal [...] (ARROYO, 2010:210)

2 RIZZINI, Jorge. *História de Monteiro Lobato*, (Via e obra) São Paulo. Difusão Cultural, 1966 p. 56.

3 Biblioteca Nacional. Disponível em <http://www.bn.br/portal/>

4 Arquivo do Estado de S. Paulo. Disponível em <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/>

Em julho de 2009, a partir de pesquisas na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, encontramos ainda os seguintes jornais: *O infantil* (1895), São Paulo; *Revista juvenil* (1876), Maranhão; *O juvenil* (1892) Rio de Janeiro; *Echo Infantil* (1894), *Gazetinha* (1882), *Tico-tico* (1882), *A luz* (1884), *O Guarany* (1900), no setor de obras raras.

Os jornais a que tivemos acesso têm de duas a quatro páginas de 16 por 23 cm, sem ilustrações, produzidos por órgãos escolares, com textos dos próprios alunos, como contos, poemas e artigos, bastante diferentes do que hoje consideramos textos apropriados para crianças. A partir da concepção de infância da época, meninos de cerca de doze anos eram vistos como adultos em miniatura e assim se comportavam, conforme pudemos inferir a partir da leitura desses jornais.

Conforme Arroyo, os vários jornais por ele citados, com base em pesquisas próprias e nos trabalhos de Afonso de Freitas⁷ e de Lafayette de Toledo⁸, apresentavam muita moral, muita religião e poesia, além de uma forte preocupação cívica:

A expressão literária dos meninos dos fins do século XIX era bitolada, condicionada, por acentuada educação cívica e moral, em cujo lastro, por exemplo, o temário folclórico raramente se encontrava (ARROYO, 2010:190).

Um exemplo dado é o jornal *A Seta* (1895), um manuscrito publicado em São Paulo, que pretendia cultuar a memória do Marechal Floriano Peixoto, sob a direção de A. M Vasconcelos.

Arroyo ainda dá destaque para a *Revista do Jardim da Infância* (1896), publicada pela Escola Normal em São Paulo, dirigida por Gabriel Prestes, sendo que entre os colaboradores estava a escritora Zalina Rolim. Segundo o autor, a revista apresentava textos de interesse dos professores, como horários e relatórios do jardim da infância, além de poemas, contos, lições de desenhos, jogos, brinquedos e cantos para as crianças.

Em 1898, surgiu a primeira publicação destinada às meninas e a única do século XIX - a revista literária e educativa, também paulistana, *Álbum das meninas*, dirigida por Anália Emília Franco, e distribuída gratuitamente.

No início do século XX, ainda em São Paulo, Arroyo cita vários periódicos, como: *A Juriti* (1904), somente para meninas; *O Pequeno Polegar* (1904), "revista bimestral ilustrada para meninos"; *A Mocidade* (1905); *O Cri-cri* (1907-1909); *O grilo* (1907), editado e dirigido por João Monteiro Júnior, cujo lema era "leitura inocente para crianças de 6 a 60 anos"; *O pica-pau* (1908); *O Jornal das crianças* (1913), no qual colaboraram professores normalistas como Arnaldo Barreto, José Escobar, por exemplo; entre outros de uma longa lista de periódicos (ARROYO, 2010:194-197).

Em seu livro, Arroyo menciona também as diferentes produções para crianças nos vários estados brasileiros, reforçando, com uma extensa lista de publicações, a relevância dos estudos desses periódicos.

5 Órgão dos alunos do Colégio Camargo.

6 Órgão literário e noticioso dos alunos do Colégio São Sebastião.

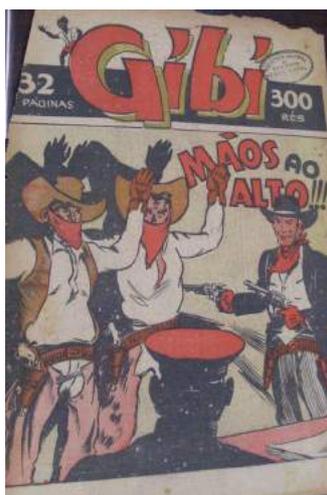
7 FREITAS, A. A imprensa paulistana. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, SP, v. XIX, [s.d].

8 TOLEDO, L. Imprensa paulista (memória histórica). Revista do Instituto Histórico Geográfico de São Paulo, São Paulo, v. III, [s.d]

Destacamos outras produções do início do século XX, entre jornais, suplementos, que não constam, em sua maioria, do livro de Arroyo, mas foram verificadas em nossas pesquisas junto à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e Biblioteca Monteiro Lobato, em São Paulo : *A carochinha*-Florianópolis-1914; *O escolar*-Canoinhas-1918; *O Arrebol*- Teresina- 1918-1925; *A gazeta infantil*- São Paulo, 1929-1950, *Suplemento infantil e juvenil*- A nação-, Rio de Janeiro, 1939. Assim como revistas: *O Tico-Tico*- 1905-1962; *Lobinho*-1939; *Bem-te-vi* (1923) e, mais tardiamente, *Recreio* (anos 60); entre outras, e os almanaques *O Tico-Tico* e *Vida Infantil*.

É interessante destacar que alguns periódicos para adultos também apresentavam seções com produções para crianças, lembrando que, no início dos anos 20, Monteiro Lobato publica *A menina do Narizinho Arrebitado*, e, mais precisamente, em janeiro de 1921 na *Revista do Brasil*, vários outros episódios da menina Lúcia que seriam incorporados ao *Reinações de Narizinho*, em 1931.

É no início do século XX, até meados dos anos 40, que encontramos o auge da veiculação de gêneros literários em suplementos, jornais, almanaques e revistas para crianças, dividindo espaços com uma crescente inclusão de Histórias em quadrinhos (HQ), por uma visível influência dos *Comic books* americanos. A partir dos anos 40, as HQ passam a ocupar quase com exclusividade o espaço na imprensa, surgindo assim revistas exclusivas de HQ, como o *Gibi*, por exemplo.



Revista *Gibi*- 12 abr 1939
Foto digital tirada em 14/07/2009.
Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro

Atualmente, a presença de gêneros literários em suplementos infantis, como *Folhinha*(*Folha de S. Paulo* e *Estadinho* (Estado de S. Paulo), para citarmos periódicos paulistas, encontram-se cada vez mais raros.

Quanto à revista *O Tico-Tico* o periódico foi publicado de 1905 a 1962, em formato grande, cerca de 22x 30cm, diminuindo nos anos 50 para 15x22 cm.



Capa da Revista *O Tico-Tico*
 Revista *O Tico-Tico*, nº 1, 11/10/1905.
 Encarte do livro *100 de Tico-Tico*.Fotocópia



Capa da revista *O Tico-Tico*
 Revista *O Tico-Tico*, nº 1425, de 25/01/1933.
 Foto digital.
 Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin.

A revista possuía diferentes seções semanais ou comemorativas, um editorial (Lição do vovô), partituras, notícias, entrevistas, anúncios publicitários, seção do leitor (textos e fotos enviados pelos leitores), concursos, histórias em quadrinhos, poemas, contos, romances em folhetins como *As viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift e *As aventuras de Robinson Crusóé*, de Daniel Defoe, já imortalizada por Carlos Drummond de Andrade, assíduo leitor da revista, conforme podemos observar em seu poema “Infância”:

Meu pai montava a cavalo, ia para o campo.
 Minha mãe ficava sentada cosendo.
 Meu irmão pequeno dormia.
 Eu sozinho menino entre mangueiras.
 lia a história de Robinson Crusóé,
 comprida história que não acaba mais.
 (In: Reunião. Rio de Janeiro, José Olympio, 1969)

Segundo Waldomiro Vergueiro (VERGUEIRO & SANTOS,2006), a revista foi idealizada pelo jornalista e caricaturista Renato de Castro, pelo poeta Cardoso Júnior e o professor e jornalista Manoel Bonfim. Luís Bartolomeu de Souza e Silva, dono da *Sociedade O Malho*, recebeu a proposta com entusiasmo e resolveu publicar a nova revista, seguindo os moldes da revista francesa *La Semaine de Suzette*. O sucesso da revista foi grande, chegando a mais de 20 mil exemplares para a primeira edição, o que era um record para época. O preço de capa se manteve inalterado em 200 réis por quase quinze anos, o que, segundo o autor, era um valor relativamente baixo, acessível a diferentes camadas da população. Quanto a seu público leitor, Vergueiro considera que:

O público consumidor eleito pela revista era a criança de classe média, oriunda de uma família solidamente constituída, temente a Deus, respeitadora dos valores pátrios, matriculadas em instituições formais, com uma inteligência superior à média(...)submissa aos preceitos morais predominantes na sociedade brasileira. (VERGUEIRO & SANTOS,2006:215)

Já os escritores e colaboradores, segundo Maria Cristina Merlo⁹, encontrados ao longo de diversas edições de *O Tico-Tico*, temos: Cardoso Júnior, Coelho Neto, Olavo Bilac, Murilo Araújo, Catulo da Paixão Cearense, Bastos Tigre, Maurício Maia, Malba Tahan, Eustórgio Wanderley (com os pseudônimos de Maurício Maia, Trancoso, Malazarte e Wenceslau Semifusa), Humberto de Campos, Oswaldo Orico, Galvão Queiroz, Carlos Manhães, Américo Clia, Josué Montello, Leonor Posada, Gaspar Coelho e Gustavo Barroso, entre outros.

Verificamos também vários contos de um tradutor e adaptador que assina por M. M Eme., que acreditamos ser um pseudônimo, como tantos outros encontrados.

O surgimento da revista marca também o momento em que nossa sociedade, ou pelo menos parte dela, encontrava-se mais aberta para a indústria cultural que então surgia, conforme nos apontam Lajolo & Zilberman:

Esta, por assim dizer, prontidão e maturidade da sociedade brasileira para absorção de produtos culturais mais modernos e especificamente dirigidos para uma ou outra faixa de consumidores expressa-se exemplarmente no surgimento, em 1905, da revista infantil *O Tico-Tico*. O sucesso do lançamento, a longa permanência da revista no cenário editorial, a importância de suas personagens na construção do imaginário infantil nacional, a colaboração recebida de grandes artistas — tudo isso referenda que o Brasil do começo do século, nos centros maiores, já se habilitava ao consumo de produtos da hoje chamada indústria cultural.” (LAJOLO & ZILBERMAN, 1984:23)

Quanto aos textos literários identificados por nós nas edições a que tivemos acesso, podemos citar, primeiramente, um conto de Coelho Neto “ Quem tudo quer tudo perde” na primeira edição de 1905¹⁰. O conto já fazia parte do livro *Contos Pátrios*, de 1904.

Há também alguns poucos exemplares de 1911 junto à Biblioteca Monteiro Lobato, os quais se encontram bastante incompletos, com a falta de várias páginas. Há vários contos, mas são longos e não estão completos, já que continuam em outras edições que não foram localizadas.

No *Almanaque de 1931*, exemplar adquirido, encontramos vários textos interessantes, mas poucos apresentam indicação da autoria, conforme os indicados: “ O astuto aldeão”, de Nelson de Lara Cruz; “ O dourado”, sem autoria; “ Era uma vez...”, de Leonor Posada; “Um conto de Eustórgio Wanderley”¹¹; “O lago e a estrela”, de Carlos Manhães; A escada de Jacob“, de J. Carlos, famoso por suas ilustrações em *O Malho* e *Paratodos*.

9 “ As dimensões jornalísticas e literária em *O Tico-Tico*” in *O Tico-Tico 100 anos*. 2006

10 A cópia da 1ª edição em forma de encarte faz parte do livro *O Tico-Tico 100 anos*.

11 Eustórgio Wanderley nasceu no dia 5 de setembro de 1882, na cidade do Recife, PE, onde estudou e morou durante quase toda sua vida. Adulto, dedicou-se ao jornalismo, atuando no *Diário da Manhã* e no *Jornal do Recife*. Academia de Letras de Pernambuco. Compositor de músicas também para crianças, como o conhecido “*Marcha soldado, cabeça de papel*”

(fonte: Site Cifra Antiga <http://cifrantiga2.blogspot.com/2008/02/eustrgio-wanderley.html>, acessado em 15/07/2008.

Na edição de 25/05/1938, há dois pequenos contos que merecem destaque, “O pequeno das sortes”, de Olga Jan” Sszewska ¹² e “O bem mais precioso”, de Alba Saltiel e o poema “Represália” de Eustórgio Wanderley . Esse último, por exemplo, torna-se bastante interessante por sua linguagem coloquial e por seu conteúdo que, de certa forma, relativiza alguns valores, principalmente da menina boazinha e bem comportada.

Com a opção de um eu - lírico feminino e infantil, o autor nos apresenta Lili, uma menina de seis anos que diz que não convidará os pais para seu casamento, pois não a convidaram para o deles. Na terceira estrofe, o eu- lírico diz:

“Não me julguem vingativa,
 Mas também não sou santinha....
 Quando “me fazem alguma”
 Eu “tiro minha casquinha”
 (WANDERLEY, Eustórgio in O Tico-Tico, 25/05/1938)



Represália”, de Eustórgio Wanderley
 Revista *O Tico-Tico*, nº 1703, de 15/05/1938, p.29. Foto digital.
 Biblioteca Infantil Monteiro Lobato

Em uma edição de 1954¹³, já em formato bem menor do que a de 1938, pudemos encontrar “ A lenda das estrelas”, a adaptação do conto “ O jardineiro do rei” e o poema “ A rã e touro”, de Olavo Bilac. Nessa época, o tamanho da revista foi reduzido.

No Almanaque de 1958¹⁴, podemos destacar os poemas “ Sonho de Natal”, de Bastos Tigre

12 Acreditamos que este seja um pseudônimo. Narra-se a história de um menino que vendia bilhetes e ajudou um pobre homem. Esse homem era rico,mas passava por dificuldades. Quando reencontrou o menino, ficou tão agradecido que o recompensou.

13 Fotos digitalizadas obtidas na Biblioteca Monteiro Lobato em São Paulo.

14 idem

e “Um cigarrinho”, de Isabel Vieira e Serra Paiva, do livro *Pingos D’água*.

A revista *O Tico-Tico* reinou absoluta até os anos 30 até que, em 1934, Adolfo Aizen fundou o *Suplemento Infantil* (posteriormente *Juvenil*) no jornal *A Nação*, no Rio de Janeiro. Esse suplemento foi um sucesso instantâneo e inaugurou uma nova fase na divulgação das HQ no Brasil, a partir do modelo norte-americano.¹⁵ No mesmo estilo, surge *O Globo Juvenil*, das Organizações Globo. Esse foi o início da decadência da revista *O Tico-Tico*. Segundo Waldomiro Vergueiro:

De repente, os personagens ingênuos e bem intencionados da revista passavam a ser substituídos no gosto popular por intrépidos desbravadores de novos mundos, homens mascarados ou seres super-poderosos. Foi um choque.” (VERGUEIRO & SANTOS, 2006: 206)

O autor acrescenta que a revista até tentou competir com as novas publicações, mas, para isso, comprometeu seu bom nível e acabou por perder espaço junto ao público.



Suplemento Juvenil

A Nação, Suplemento juvenil. 22/08/1939
Foto digital tirada em 14/07/2009.
Biblioteca Nacional(Brasil)

Dos anos 30 aos 40, tentaram se equiparar às novas tendências das HQ, contudo, aos poucos, retornaram aos seus propósitos iniciais.

Além da concorrência, Waldomiro Vergueiro aponta outros fatores para o declínio da revista e sua extinção: Mudança dos gostos do público, mais adepto às aventuras das HQ, o surgimento da Televisão e dos desenhos animados e, finalmente, um novo mercado consumidor, os adolescentes.

Como qualquer obra de tanto alcance, a revista *O Tico-Tico* estava impregnada de ideologias que retratavam o período histórico em que foi publicada. Assim, o nacionalismo e um didatismo-moralista estão presentes em diversos textos dessa revista. Nos anos 30, com certa ênfase, observa-

15 Encontramos apenas alguns exemplares de 1939 junto à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

se um firme propósito de influenciar o desenvolvimento intelectual das crianças brasileiras, a partir de concepções positivistas (“ ordem e progresso”). Na edição de 25 de maio de 1938, por exemplo, encontramos ao rodapé o seguinte conselho: “ Menino, a ordem é a primeira lei do céu! Sem a ordem, sem método, nada conseguirás”.

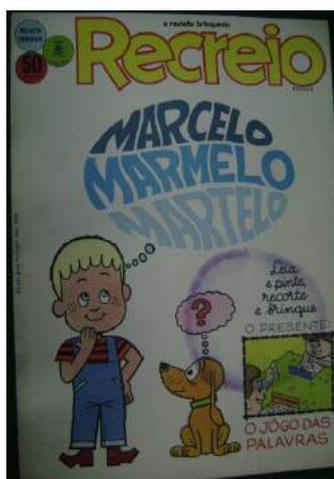
Segundo Waldomiro Vergueiro, os responsáveis pelo *O Tico-Tico* defendiam um tipo de revista que pudesse colaborar para a produção de adultos pró-ativos, que acreditariam na força do trabalho e participariam do capitalismo em ascensão, e acrescenta:

O público consumidor eleito pela revista era a criança de classe média, oriunda de uma família solidamente constituída, temente a Deus, respeitadora dos valores pátrios, matriculadas em instituições formais, com uma inteligência superior à média(...)submissa aos preceitos morais predominantes na sociedade brasileira. (VERGUEIRO & SANTOS,2006:215)

A revista, posteriormente, tornou-se objeto de leitura de todas as classes sociais, mas manteve valores das classes dominantes, apresentando diversas vezes situações de extremo preconceito racial e social. Seu modelo didático-pedagógico permaneceu até o seu fim.

Ao final dos anos de 1960, a produções para crianças encontram um novo espaço entre os periódicos , a revista *Recreio*, na qual se destacaram as então iniciantes Ana Maria Machado e Ruth Rocha, autora de uma infinidade de títulos dentre os quais se destaca *Marcelo, Marmelo, Martelo* (1976) , publicado originalmente na revista nº 50 em 1970.¹⁶

Recreio foi lançada pela Editora Abril em 1969, ao custo de 1 cruzeiro, permanecendo até 1981 com a mesma concepção, de divertir e educar, conforme seu slogan já antecipava: “Leia e pinte, recorte e brinque” ou mesmo a disposição do título na capa com pré e pós acréscimos. Acima, do título, em letras menores encontramos “ a revista brinquedo”. Abaixo, em letras miúdas, surge o termo “ escolar”: *A revista brinquedo Recreio escolar*.



Revista *Recreio*, 1970.

Foto digital tirada em 11/09/2008
Biblioteca Monteiro Lobato

16 A data de publicação não aparece na revista, mas como é o nº50, supomos que tenha sido publicado em 1970, antes da reforma ortográfica de 1971.

A híbrida função e o baixo custo, acessível à classe média, transformaram a revista em um sucesso de público em plena Ditadura Militar.

Uma história diferente era publicada a cada semana, cercada de brincadeiras, jogos, adivinhações, músicas, quadrinhos, peças para montar cidades, circos, navios, entre outros. Em 2000, foi relançada e remodelada, diferindo muito da primeira versão e perdurando até a atualidade.

Ao compararmos a versão de *Marmelo, Marcelo, Martelo* da revista com a do livro¹⁷, encontramos diferenças significativas, não somente quanto à disposição do texto e suas ilustrações, mas também em relação ao desfecho da obra.

O exemplar analisado é composto por 16 páginas em formato médio, sendo que cada uma apresenta um trecho da história, cercada nas laterais por atividades diversas. A linguagem não-verbal, ilustrações descritivas e narrativas e aspectos gráficos (balões para algumas falas e letras coloridas em diferentes destaques) se sobressaem à linguagem verbal.

No livro, verbal e não verbal se equiparam harmonicamente, ora o texto aparece acima das ilustrações, em geral descritivas e narrativas, ora abaixo. Contudo, são inseridos pequenos animais como minhocas, borboletas, joaninhas, passarinhos e sapos, deslocados do enredo e que acompanham o desenrolar da trama em um processo metalinguístico interessante.

Atentando um pouco ao enredo, podemos destacar o clímax da narrativa quando, ao ver a casa de seu cachorro Godofredo em chamas, Marcelo, o menino que gostava de brincar com as palavras, grita: “A mordadeira, papai, embrasou...”. Como não foi compreendido pelo pai, Jaime, na revista e João, no livro, a casinha de seu cachorro foi consumida pelo fogo. Neste ponto, o texto apresenta diferenças significativas. Na revista, o menino lamenta e diz ao pai (em um amplo balão): “Coitadinho do Godofredo! A casinha dele pegou fogo, todinha, todinha...”. No livro, Marcelo desfere uma crítica: “Gente grande não entende nada de nada, mesmo!”

Curiosamente, para esse episódio, a ilustração, na revista, retrata os pais sorrindo da situação, uma simples travessura de menino. Já no livro, os pais aparentam consternação, tanto que, na sequência, promovem construir uma outra casa para o cachorro e entram no brincadeira linguística do menino: “Não fique triste, meu filho. A gente faz uma moradeira nova pro Latildo”

Um dos pontos mais contrastantes é o desfecho, completamente alterado. Na revista, a história termina com a constatação de que Marcelo nunca mais falou daquele jeito, o que nos leva a supor que a queima da casinha teria sido uma boa lição ou mesmo um castigo para o menino que adorava inventar palavras. Na última página, Marcelo aparece adulto, sentado em uma poltrona, lendo jornal e sua filha lhe pergunta por que mesa se chama mesa. Marcelo pensa: “Há vamos começar tudo de novo”. Já no livro, todos passam a se entender bem. A autora acrescenta que os pais não passaram a falar como o filho, mas faziam força para entendê-lo. Vê-se tolerância e abertura ao diálogo, tão raro na década de 70, em plena Ditadura Militar.

17 Versão em livro analisada: ROCHA, Ruth. *Marmelo, Marcelo, Marmelo e outras histórias*. Ilustrações de Adalberto Cornavaca 2ª edição e 65ª impressão. São Paulo: Salamandra, 1999.



Final de *Marcelo, Marmelo, Martelo*,
Revista *Recreio*, 1969



Final de *Marcelo, Marmelo, Martelo*
Livro, 1999

Ao longo das décadas, os gêneros literários escritos para o público infantil, gradativamente, abandonaram os jornais, fixaram-se nos livros, onde obviamente já circulavam, e passaram a migrar, como observamos atualmente, para os mais diferentes suportes, com destaque para os ambientes virtuais. Observamos, dessa forma, uma ruptura e migração constante desses gêneros em relação a seus suportes e meios de divulgação.

Consideramos, portanto, que os estudos sobre a História da Literatura Infantil não podem se ater apenas ao livro, e devem ir além, investigando diferentes periódicos, como foi o caso das revistas *O Tico-Tico* e *Recreio*, retratos de diferentes épocas, participantes efetivas na formação de leitores e na gênese e (re)florecimento da Literatura Infantil brasileira.

Referências

- ANDRADE, Carlos Drummond. *Reunião*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.
- ARROYO, Leonardo. *Literatura infantil brasileira*. 3 ed. São Paulo: UNESP, 2010.
- COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise e didática*. São Paulo: Moderna, 2000.
- AZEVEDO, Ezequiel de. *O Tico-Tico: cem anos de revista*. São Paulo: Via Lettera, 2005.
- COELHO, Nelly Novaes. *Panorama Histórico da literatura infantil e juvenil*. São Paulo: Ática, 1991.
- _____. *Literatura infantil: teoria, análise e didática*. São Paulo: Moderna, 2000.
- COSTA, Cristiane. *Pena de Aluguel*. São Paulo: Cia das Letras, 2005.
- LAJOLO & ZILBERMAN, Marisa e Regina. *Literatura Infantil brasileira*. São Paulo: Ática, 1984.
- LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. São Paulo: Globo, 2010 (primeira edição de 1944)
- LUSTOSA, Isabel (org.) *Imprensa, História e Literatura*, Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa 2008.

MENNA, Lígia R M. C. *A literatura infantil além do livro: contribuições do jornal português O senhor doutor e da revista brasileira O Tico-Tico* 310 p. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

ROCHA, Ruth. *Marcelo, marmelo, martelo e outras histórias*. São Paulo: Salamandra, 2ª ed, 1999.

VERGUEIRO & SANTOS, Waldomiro e Roberto. *O Tico-Tico 100 anos- Centenário da primeira revista de quadrinhos do Brasil*. Opera Graphica: São Paulo, 2006.

Site:

Cifra Antiga. Verbete Eustórgio Wanderley <http://cifrantiga2.blogspot.com/2008/02/eustrgio-wanderley.html>, acessado em 15/07/2008.

Revistas e Almanques

Almanaque O Tico-Tico-1947,1952,1953,1954,1956. Fotos digitalizadas. Biblioteca Monteiro Lobato.

Almanaque O Tico-Tico, 1931. Exemplar original

Revista Paratodos, 1931. Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em <http://www.bn.br/portal/>

Revista O Tico Tico, Rio de Janeiro , Publicação D' Malho. Exemplares avulsos de 1911, 1938,1954. Fotos digitalizadas. Biblioteca Monteiro Lobato.

Revista O Tico-Tico- nº 1 de 11 de outubro 1905 – Encarte in VERGUEIRO & SANTOS, Waldomiro e Roberto. *O Tico-Tico 100 anos- Centenário da primeira revista de quadrinhos do Brasil*. Opera Graphica: São Paulo, 2006.

Revista Recreio. Marcelo Marmelo, nº 50, 1970. (data ilegível). Fotos digitalizadas. Biblioteca Monteiro Lobato

Lígia Regina Máximo Cavalari Menna

Doutora e Mestre em Letras na área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente é docente e coordenadora do Curso de Letras da Universidade Paulista (UNIP). Ministra aulas em cursos presenciais e à distância (EAD), com ênfase em Literatura Portuguesa, Literatura Brasileira, Literaturas africanas, Teoria Literária , Educação , Literatura Infantil e Juvenil e Estudos Comparados. Co-autora da coleção didática para Ensino Fundamental II, *Português: uma língua brasileira*, Leya Brasil, aprovada pelo MEC para o PNLD 2014.

Contato: limax@uol.com.br

Recebido em 20 de outubro de 2011.

Aceito em 20 de fevereiro de 2012.